

José Leon Machado

A Sombra Sorridente



NOVELA

Edições Vercial

A Sombra Sorridente

novela

José Leon Machado

Edições Vercial

Índice

CAPÍTULO I
CAPÍTULO II
CAPÍTULO III
CAPÍTULO IV
CAPÍTULO V
CAPÍTULO VI
CAPÍTULO VII
CAPÍTULO VIII
CAPÍTULO IX
CAPÍTULO X
CAPÍTULO XI
CAPÍTULO XII

Eu apaixonei-me, sem saber o que era amor, por uma sombra que sorriu e passou.

Raul Brandão, *Vale de Josafat*

CAPÍTULO I

Quiseste conhecer-me porque há muito que eu me andava a insinuar. Naquelas tardes de início de primavera com o sol a mostrar-se tímido sobre as árvores ainda nuas dos jardins e dos campos, as pessoas saíam à rua, olhavam-se pasmadas e achavam que eram belas. Quantas vezes passámos um pelo outro e nos olhámos? Já não era um mero acaso. Eu sabia a que horas passavas sob a minha janela. E aí esperava que os teus cabelos aparecessem na curva da rua, o sorriso que se distinguia lá de cima. Perdi a minha janela e perdi-te num jogo de cartas com um amigo. No princípio era simpatia a transformar-se em interesse. E um dia, quando nos cruzámos na rua cheia de gente e os teus olhos viram os meus, estremeci por dentro como quem ama. Mas eu não te conhecia e ignorava o teu nome. A iniciativa para te falar nunca viera, talvez por achar-te muito longe das minhas perspectivas futuras. É que tu não encaixavas nos meus projetos.

Andava metido num curso de fotografia no Instituto da Juventude. Uma tarde ou outra em que os estudos não apertavam, entretinha-me a focar algumas cenas da cidade, conforme as técnicas aprendidas no curso. Até que certo dia, estando com duas conhecidas na rua a combinar uma altura para tirarmos umas fotografias juntos, passaste e dissestehes olá. Perguntei se te conheciam. «Então não haveríamos de conhecer a Margarida?! Vivemos todas no mesmo lar», disse a Magda. Foi quando fiquei a saber o teu nome e esta revelação repentina começou logo a fermentar na minha cabeça dura. Decidimos então tirar as fotos no domingo seguinte se houvesse sol, mas com uma condição: elas teriam de convidar-te também. Olharam-me de soslaio a inquirirem a minha ambígua intenção. A Magda falar-te-ia no assunto, mas tinha quase a certeza de que não aceitarias o convite. Ir agora assim por aí posar para um desconhecido! Porém, talvez não fôssemos tão desconhecidos como a Magda estaria a pensar. De qualquer modo convidasse e logo se veria.

Saí na tarde do domingo combinado de máquina a tiracolo. O tempo, sempre instável, brindara-nos com uma chuva e o ambiente estava feio e soturno para a objetiva. Não me dissuadi e fui ao Pasolini, o café frequentado pela Magda e as amigas. Aí a encontrei com mais duas colegas a tomarem café. Acompanhei-as num pingo para à noite não perder o sono, o que, mesmo assim, seria difícil não acontecer. A primavera dava-me volta ao miolo, avizinhava-se uma qualquer mudança radical na minha vida. As noites passava-as em claro a pensar, a sentir.

– Furtado – rompeu a Magda –, falei com a Margarida acerca das fotos e ela disse que talvez apareceria.

– Ah, sim? E não estranhou o convite?

– Claro que estranhou! Pu-la com um pé atrás e outro à frente. Deu-me a impressão de que aceitou só para ser simpática. Creio que não virá.

– Se não vem, o problema é dela. Eu convidei, não convidei? E nós, vamos aproveitar e ver se a chuva parou?

– Sim. Deixa estar que eu pago o teu pingo. Amanhã pagas tu o café. Quero que nos fotografes na frente do lar, naquele jardim com o João Penha.

– Sabes que foi um grande poeta bracarense...

– Pois olha, não sabia quem era o homem. Também colocam ali uma estátua e nem explicam quem é e que fez!... Ninguém adivinha. Quando é que em Braga vão apostar na cultura?

Levantámo-nos e descemos as escadas onde a Magda caíra uma vez depois de um *fino*, quando usava pirolitos nos pés. Salvou-a o ser roliça e baixa. Caso contrário já cá não

estava ou teria a coluna num trapo. E foi à entrada do edifício, ao sairmos, que me vieste falar.

Ias com mais duas colegas, reconheceste-me e, de lábios muito vermelhos – nunca mais os pintaste – e o sorriso da altura do sol, aproximaste-te perguntando:

– O convite para as fotografias era mesmo a sério?

O que te haveria de responder? Nunca esperaria que viesses falar-me assim, cheia de à vontade. Volvi os olhos para a Magda a ganhar coragem e fôlego, medindo as palavras que iria dizer.

– Realmente era a sério. Aliás tenho aqui a câmara... O convite ainda está de pé, se desejarem.

– Agradecemos muito, mas desta vez não será possível. Temos umas voltas a dar. Fica para outra altura, está bem?

– Certo. Depois combinamos.

– Sim. Então adeus.

E seguiram para o interior do edifício. Quanto a nós – a Magda, as duas amigas e eu –, descemos a rua em direção ao jardim à frente do lar. Não chovia e o sol despontava vago pelas nuvens. Deambulava muita gente e os automóveis roncavam ao de leve. Eu não dizia nada. Sentia-me ligeiramente incomodado com o teu assalto de surpresa à minha vida. Há tanto tempo que desejava sentir-te mais perto, falar-te e foste tu a destruir barreiras e receios. Não sabia se isso era uma paixão nascente ou interesse superficial. Estavam os caminhos abertos para um maior conhecimento, uma relação futura de amizade e de entendimento.

Quando foi que descobri que tu existias?

No tempo presidia à República o Eanes. Gozava os derradeiros momentos do poder eleito segundo a vontade do povo. Depois, tudo mudou para o mesmo esquema político de antes da mudança, que essa será para depois do ano 2000, se ainda houver Portugal e portugueses. Não se fala dos Estados Unidos da Europa? Seremos finalmente europeus...

Tinha vindo à cidade o Freitas do Amaral na campanha das presidenciais. O teatro Circo abarrotava de apoiantes e curiosos. Preparava-se a primeira volta das eleições e era mais que certa a vitória do *progresso*. «P'rá frente Portugal!», gritava-se a toda a hora. Afinal não houve a tão falada vitória nem Portugal foi para a frente, não tivessem os comunistas votado no Mário Soares de olhos vendados. Eu fui, com os colegas de curso, ao tal comício, mais como curioso do que como apoiante, pois sempre preferia ser observador a ator. Os padres aconselharam-nos vivamente aquele comício e abertamente nos alertaram para a desgraça comunista do Zenha ou o perigo socialista do Mário Soares. Os que votassem tinham o dedo já guiado pela chama do Espírito Santo e a cruzinha ficava no quadrado do Freitas. Afinal não haveria muita diferença em votar de olhos tapados ou de dedo guiado pelo Espírito Santo

Durante o comício, numa daquelas confusões de sobe e desce escadas, cruzámos contigo e disseste olá a um dos meus companheiros. Quando algum conhecido nosso cruza com uma mulher bonita, há sempre a tentação de olhar. Passaste e eu voltei os olhos para trás a reconfirmar a primeira impressão. Sim, eras uma miúda bem feita, um belo cabelo e uns dentes muito direitos num sorriso franco. Ficara-me o retrato e nunca mais o esqueci.

O caso passara-se, nunca mais pensei nele até que, findo o inverno, te reví, agora nas ruas da cidade, sempre que saía para passear ou para as aulas de condução, sempre que olhava abaixo da minha janela. Já não era apenas eu a notar a tua presença. Também tu já notavas a minha e não te era indiferente. O instrutor de condução, coitado, é que me aturava as desatenções na estrada, as asneiras crassas nos cruzamentos e nas inversões de marcha. Até chumbei o exame duas vezes! Começava o meu coraçãozinho a descontrolar-

se, a bater dissonante. Claro que a culpa era minha, pois sentia alguma coisa de novo a acontecer e eu queria que acontecesse.

Por essa altura haveria uma festa no Seminário de Braga onde eu estudava como aluno interno. Eu participaria no teatro e na música e foi das poucas coisas que gostei de fazer. Tocávamos no palco uma canção qualquer quando olho a plateia e te vejo ao fundo da sala, entre os muitos espectadores, a apreciar o ambiente de festa. Reconheceste-me e agora olhavas-me também. Por segundos parei de tocar, recomecei extraviado ecoando um lá quando a canção já ia em ré. Sonhara contigo nessa noite e ansiava-te na minha vida. Vi-te no dia seguinte a passar sob a minha janela de castanho apodrecido.

Mais de um mês passara, só agora nos falávamos, se soltavam as amarras do desconhecimento.

Fotografei então a Magda e as duas amigas no jardim à frente do lar onde viviam. O obturador disparou quatro vezes com abertura média do diafragma, uma foto individual de cada e uma do grupinho a sorrir, o busto do João Penha por detrás. E as meninas entraram, pois tinham que estudar, depositando-me um beijo de despedida. Fiquei só na rua, sem saber o que fazer com o resto da tarde. Decidi acabar o rolo fotográfico. E apanhei logo ali na objetiva um miserável pedinte, mais conhecido do que o presidente da Câmara, que me estendia a mão chagosa a reclamar uma nota. A nota não lha dei e a fotografia também não. Subi a buscar outras perspetivas, uma igreja, um pedaço de rua, uma árvore, uma porta. Depois achei que te deveria encontrar novamente para pedir desculpa de qualquer mal-entendido, só com a finalidade de iniciar conversa. Levei a câmara ao Seminário, deixei-a na portaria. Estava farto do seu peso e das pessoas a olharem-me como se eu fosse um turista perdido em dia de chuva, e voltei ao centro da cidade a procurar-te.

Fatigado, sentei-me num banco de pedra ainda húmido a apanhar toda a área com a vista. Não haviam decorrido dez minutos quando te enxergo a cem metros. Irias forçosamente passar por mim. Nesse momento chamei-te com o indicador e aproximate-te. Vinhas agora apenas com outra colega que também se aproximou.

– Já fotografaste tudo? – perguntaste sorridente.

– O mais importante não fotografei – respondi irónico. – Desejava pedir-vos desculpa pelo sucedido. Houve aí umas pequenas confusões...

– Realmente não compreendemos muito bem essa história das fotografias. A Magda veio falar-me, assim, sem mais nem menos. Achei estranho. E, como te expliquei há pouco, não pudemos aceitar o teu simpático convite.

– Com certeza! Mas... sentem-se – pedi, o que vocês fizeram muito à vontade, sem interjeições, tu à minha direita, a tua amiga a seguir a ti. Ficaste no meio dos dois.

– Eu sou a Guida, como já deves saber, e esta é a Berta. Temos ambas o cabelo comprido e usamos óculos, mas não somos irmãs nem primas.

– Muito prazer. Eu sou o José Furtado, que devem ter ouvido falar.

– Sim, és do curso do Barros e do Gomes lá do Seminário. Conhecemos-te da Festa das Famílias.

– Verdade?... Então vocês também foram assistir à festa.

– Convidou-nos o primo da Berta, o Pedro.

– O Pedro? Ele participou na peça de teatro comigo.

– Isso! Ele usava um chapéu de palha e tinha umas suíças enormes. Fazia o papel de labrego.

– E vocês recordam-se do que fazia eu na peça?

– Espera aí... Tu eras gorducho, com uma barriga acentuada, um chapéu preto e uma bengala de metro e meio.

– Tal qual. E vocês, gostaram do espetáculo?

– Vimos só metade. Mas achei-os muito divertidos. Rimo-nos à brava. Não foi, Berta?

– Foi.

– E quando andaste por lá arrastado com a mesa e os outros atrás de ti para se vingarem das tuas tramoias?

– Lembras-te de tudo! – exclamei um pouco admirado.

– Ah! E a música. Tocavas muito bem. Gostei imenso daquela que falava da paz e de um concerto que ia haver.

– Um concerto?... Sim, já estou a ver qual é. Ia haver um concerto e o instrumento que faltava era o amor. É uma canção muito bonita. Foi também das que eu mais gostei de tocar. É do reportório do grupo, sabias? A letra e a música são originais.

A conversa confinava-se aos dois. A tua amiga parecia ausente, a olhar quem passava. Nesse dia a minha impressão sobre ela saldou-se negativa. Parecia-me demasiado soberba para os poucos encantos de que dispunha. Relanceava-me os olhos com desdém entrecortando o nosso discurso num ou dois monossílabos. Não parecia muito interessada na conversa e no recente conhecimento, impaciente talvez por partir para outras andanças, para outros conhecimentos. Não era primavera?

Embebíamo-nos na conversa, tantas coisas a dizer, a pressa de querer saber mais do outro, quando se aproximam duas moças desconhecidas de pastinha na mão. Pedem licença para se sentarem – nada havia a impedir – e começam a vender o peixe. Percebi logo que eram mormons. A cidade nesta altura andava infestada, os seus membros não deixavam sossegada a juventude, queriam novos seguidores, novos apóstolos. Viram-nos ao longe, pensaram que estariam ali três presas para as suas fileiras. Dirigiram-se às presas erradas.

– Gostaríamos de contar-lhes uma história – começou a mais gordinha. – Vocês sabem quem criou tudo isto que nós vemos e admiramos? Só poderia ter sido um ser belo e bom, amigo dos homens, amante da sua obra. Não acham que Deus é o verdadeiro criador de todas as coisas, de todos os seres animados e inanimados?

– Sou ateu – respondi-lhe, para criar polémica, de olho fito no velho argumento de Santo Anselmo estudado em Teologia Natural. Tu e a Berta riam entre dentes.

– Então você acha – insistiu a gorda desapontada – que tudo nasceu do nada?

– Como dizia Aristóteles, do nada nada vem. Talvez tudo exista *ab aeterno*.

Ela arregalou os olhos a ver se percebia. Como não percebia, continuou:

– As coisas têm de ter um princípio, um começo. E esse começo é Deus criador. Sem Ele nada existiria. Não estaríamos cá a gozar este verde de abril e este sol a despontar se a sua bondade e o seu amor por nós fosse uma grande mentira.

As raparigas tinham uma costela poética e a cassete estava bem gravada. A minha resposta definitiva não as atemorizara. Dera-lhes antes coragem para enfrentar a minha pretensa incredulidade e darem-me a volta. Eu, porém, não tencionava nada dar-lhes razão, rebaixar-me a aceitar o que diziam, mesmo que isso não fosse totalmente errado. Tinha de causar impressão, mostrar-te a ti, Guida, que sabia falar e até dava uma lição àquelas protestantezinhas que espezinhavam a nossa religião. Não andava eu a estudar para padre?

– Se Deus é assim tão bom como dizes, explica-me então porque é que há o mal no mundo – argumentei. – Tanta gente morre de fome, tantas vítimas da guerra, dos crimes, das querelas políticas, do ódio, vícios aberrantes atormentam a sociedade moderna, o mal instala-se no apartamento da desgraça. Se Deus nos ama, esta situação ser-lhe-ia penosa, não concordaria com ela e trataria de a modificar emendando os males do mundo. Como continua a existir o mal, ou Deus está velho e cansado para se preocupar com o homem ou

simplesmente não existe. Ora, um deus que não se interessa pela obra que criou nem a ama não é muito digno de crédito.

– O mal não foi Deus que o trouxe nem foi ele que o criou – arremata a gorda exaltada. – O homem é que o escolheu entre o bem que Deus lhe oferecia. Adão pecara e agora todos arrastamos esse espectro. Os que acreditarem saberão viver no bem, pois Deus não se esquece dos seus amigos. Os outros seguirão pela lama e o paraíso ficará muito distante.

– Então Deus é elitista. É só pai de alguns. O que vos digo é que um pai não condena um filho, mesmo que este tenha levantado a mão para si. Mas o vosso Deus condena, atira para a Geena os filhos que foram menos bons durante a sua curta e triste passagem pela terra. Ora, um pai que condena não pode ter amor aos seus filhos. Senão, perdoar-lhes-ia. Não acredito no vosso Deus.

A diatribe não ia a lado nenhum. Acabei por confundir as moças, não sabiam já de que modo refutar os meus argumentos. Estavam, contudo, cientes das suas ideias e não arredavam pé. Eu também não arredava e despediram-se com um «muito obrigadas pela atenção; foi um gosto conversar convosco». Tu e a Berta ristes-vos e eu nem soube bem porquê. De qualquer modo aquelas chatas foram-se e nós pudemos reatar a conversa.

– Que dizíamos?

– Falávamos da festa. Olha, vens connosco ao café?

– Sim, posso acompanhar-vos.

O relógio do Turismo marcava dezassete horas, descemos a Avenida cheia de gente nova a sair dos cinemas, fomos beber um refrigerante ao Neto.

– Encurralaste as raparigas – disseste puxando um SG Gigante do maço enquanto esperávamos que a empregada trouxesse para a nossa mesa três sumos de laranja.

– Não era minha intenção – desculpei-me. – Queria apenas abalar-lhes as convicções um bocadinho. Afinal eu até nem concordo inteiramente com o que lhes disse. Do que eu não gosto é que me venham com palavras bonitas para depois venderem o peixe. Se eu não lhes tivesse dado luta, daí a pouco estariam a falar-nos dos mormons e das suas ideias malucas sobre a América, o país da promessa, a nova Canã.

– Queres um cigarro?

– Posso?... Obrigado.

Acendeste-me o cigarro com um fósforo de carteira, aceitei-o para criar clima, pois seria embaraçoso, pelo menos naquela altura, a menina estar a fumar sozinha, já que a tua amiga não fumava. Depois, não sei porquê, perdi essa conceção solidária e, quando fumavas, já não me tinhas a acompanhar-te no vício mais natural deste século. Achei que isso não era importante para o nosso relacionamento, eu, que sempre detestei ver as mulheres de cigarro na boca. Fumavas, eras livre, apesar dos meus conselhos antitabagísticos. Eu não fumava, era cativo da saúde, escravo da pureza pulmonar. Afinal intoxiquei o coração e só o tempo me valeria como remédio.

– Vocês são donde? – perguntei tirando entalado uma fumaça cinzenta.

– Ambas de Amares – respondeste guardando na bolsa o tabaco e a carteira de fósforos.

– São de perto. Pensei que fossem de mais longe.

– Porquê?

– Como estão hospedadas no lar...

– Ah! Nesse aspeto terias razão de pensar assim. Contudo, eu estou no lar por ser mais cómodo. Os meus pais vivem em França, não teria outra saída senão o lar. Tenho os meus avós em Amares, mas é muito chato ter de vir cá a Braga às aulas e voltar todos os dias à aldeia. A Berta também tem esse problema.

– Mas em Amares também há escola secundária.

– Pois há. Mas nós não estamos numa escola secundária. Estamos num colégio particular.

– Sendo assim... Olha, e em que região de França vivem os teus pais?

– Clermont Ferrand. Eu fui para lá muito pequena. Voltei a Portugal há três anos. Ainda tenho um pequeno sotaque, não achas?

– Agora, que mo dizes, noto. Sabes, eu também já estive em Clermont Ferrand, há uns cinco anos, talvez...

– A sério?!

– Passei uma noite na Place de la Liberté. Tenho lá uma amiga.

– Eu morava na Rue des Archers. Não deveres ter tido tempo de lá passar.

– De facto... Na altura em que lá estive o pico do monte mais alto estava coberto de neve.

– Foi nesse monte que aprendi a esquiar. Tive muitas quedas antes de conseguir equilibrar-me.

– Praticas esqui?

– Agora não. Em Braga não neva. Além disso ando muito empenada, abaixo de forma. Eu e a Berta faltamos sempre à aula de ginástica na escola. É uma seca.

– Precisam de umas corridas.

– *Mais Oui!* Quando as galinhas tiverem dentes nós metemo-nos à estrada. Não é, Berta?

– É – regougou num assobio mole.

– Ainda a respeito do lar: Vocês gostam do ambiente? Tratam-nas bem?

– As responsáveis são freiras. E onde há freiras...

– Percebo. A Magda também não diz muito bem daquilo. A alimentação parece que não é grande coisa – ressalvei amarfanhando no cinzeiro vidrado o resto do cigarro. Não conseguia fumá-lo até ao fim.

– Come-se mal. E depois as saídas à noite são apenas para as mais velhas. Como o critério da velhice é pela escolaridade e não pela idade, nós nunca podemos sair. E nós as duas já temos há muito idade para sermos responsáveis.

– Em que ano andais?

– Frequentamos o nono.

– Só?! pensei que estavam no 11.º.

– A Berta chumbou e eu atrasei por ter vindo de França. Quando fiz a matrícula, puseram-me no sétimo junto com as criancinhas. Não me deram equivalência nos estudos. Assim, com dezanove anos, estou ainda no nono ano. O que é preciso é haver força de vontade.

O nosso diálogo prolongou-se até ao fim da tarde na mesa do café. Queríamos saber um do outro. A Berta sentia-a a mais e ela notara. Estava no fundo a fazer de velinha. Daí a sua reserva, o seu silêncio. Partilhou a nossa alegria, a nossa boa disposição quando nos metemos a contar anedotas, atirando mesmo com uma piada ou duas. E foi em sorrisos sinceros que nos despedimos. Soltei então um grande suspiro e respirei enlevado o aroma das ruas ainda molhadas, das tílias do jardim, dos parolos que corriam para os transportes públicos num último adeus a mais um domingo passado na cidade. Jantei mal, não vi o programa desportivo na televisão com o resumo dos jogos de futebol, fui deitar-me cedo. Queria recordar tudo o que vivi naquela tarde em que te conheceria.

Só, no quarto, estendido na cama calçado e com o aparelho a tocar Chris the Bourg, relembrava o teu sorriso, as tuas primeiras palavras, o que me contaste sobre ti, as minhas intervenções ridículas para te agradar, como a diatribe com as mormons, a cor castanha dos teus olhos, o cabelo longo e sedoso, e o cheiro, o cheiro desconhecido e provocante do teu perfume. Todas as atitudes, a forma de pegar no cigarro, de puxar e segurar o fumo,

deitá-lo fora numa baforada delicada, beber o refrigerante, os jeitos gráceis da cabeça e das mãos de unhas muito curtas, estonteavam-me a imaginação tão pobre dessas paisagens raras. Prostrava-me embasbacado a olhar a janela ao fundo do quarto por onde o sol já não entrava porque entretanto era noite. Ver-te-ia passar em baixo na manhã seguinte, satisfaria por segundos a ânsia de sentir-te perto. Eu queria e vieste. Que pena não teres ficado!

CONTINUA

Título: *A Sombra Sorridente*
© Copyright José Leon Machado
Todos os direitos reservados
Edições Vercial, Braga, 2010-2019
ISBN: 978-989-8392-15-2
